



O desenvolvimento da internet e suas relações com o desaparecimento humano¹

FERREIRA, Liana Feitosa. Aluna do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Campo Grande-MS.²

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de refletir acerca da influência do desenvolvimento da internet na vida em sociedade, nas interações pessoais e na presença de manifestações insensíveis e egoístas observadas, principalmente, nas mídias sociais virtuais. A partir da popularização da web, verificada no início dos anos 2000 no Brasil, esse ambiente passou a ser utilizado para trocas afetivas, assim como para a produção e circulação de informações apoiados pela informática. Essa realidade gerou (e ainda gera) modificações na existência humana, alterando sentidos, intensidades e criando novas subjetividades. Diante deste cenário, foi realizada uma revisão bibliográfica com o intuito de apresentar a visão de diversos autores acerca dessa realidade cibercultural, dessas interações no ambiente online e as reações das pessoas - os principais atores dessa história vivida em uma sociedade tecnocêntrica.

Palavras-chave: História da internet; interações virtuais; desaparecimento.

Em seus primeiros anos de existência, por volta da década de 60 e 70, a internet era ferramenta de comunicação interna para setores do governo norte-americano, grupos militares e de pesquisa de universidades dos Estados Unidos (ARGENTI, 2011). Era, portanto, um mecanismo fechado, de uso restrito a segmentos elitizados da sociedade. Somente no início do século 21 que a rede mundial de computadores passou a ser uma plataforma de serviços de fato aberta à colaboração entre usuários, principalmente a partir do surgimento da web 2.0.

A Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de

¹ Trabalho submetido ao GT - História da Mídia Digital

² Graduada em Jornalismo no Unasp (Centro Universitário Adventista de São Paulo), é autora do capítulo de livro: Ritmo da vida humana - da TV ao Twitter. In: TOMAZ, Tales. (Org.) *A nova comunicação - fenômenos emergentes da cultura mediática*. Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2012. E-mail: liana_feitosa@hotmail.com.



informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática (PRIMO, 2007, p. 1).

Foi a “abertura” da internet que criou espaço para o nascimento das redes sociais virtuais. Segundo Recuero (2009), esses mecanismos, também chamados de mídias sociais, sites de relacionamento ou redes sociais da internet, são uma espécie de extensão dos laços interpessoais, ou seja, as redes de relacionamento estabelecidas fora do ambiente virtual.

No Brasil, a internet – de forma geral – é uma plataforma de serviços em crescente popularização. Os mais recentes dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao ano de 2014 e divulgados em abril de 2016, apontam que, há dois anos, “mais da metade dos domicílios particulares permanentes passaram a ter acesso à internet, saindo de 48%, em 2013, para 54,9%, em 2014, o equivalente a 36,8 milhões de domicílios” (IBGE, 2016, p. 40). Em 2004, 6,3 milhões de residências possuíam acesso à internet por meio de microcomputador. Em 2012, no entanto, este número saltou para 25,7 milhões de domicílios, mais que o triplo em oito anos (IBGE, 2016, p. 40).

Como desdobramento dessa penetração no Brasil, verifica-se a crescente popularização das redes sociais virtuais. Segundo relatório desenvolvido pela agência internacional de marketing social “We Are Social”, em 2015, cerca de 96 milhões de internautas brasileiros tinham perfis em mídias sociais, o que representa 47% da população total do país (LAFLOUFA, 2015, online). Em média, todos os dias, o brasileiro passa 5h26 conectado à internet e 3h47 acessando redes sociais (via mobile ou fixo). Entre essas mídias, o Facebook é o campeão na preferência do público, com 25% do total de acessos (DAMASCENO, 2015, online).

Com esse aumento de acessibilidade e popularização, a web tem unido realidades, dado a possibilidade de contato entre pessoas e chance de expressão, com diferentes amplitudes, a milhares de pessoas em todo o globo, de gente comum a celebridades, passando por governos e, claro, empresas (RECUERO, 2009). Ao se



apropriarem da internet, especialmente das mídias sociais - como o site de relacionamentos Facebook -, as pessoas produzem e disseminam informações, expõem intimidades e estabelecem trocas, até mesmo emocionais, graças ao apoio da informática, da tecnologia (PRIMO, 2007).

Segundo Sibilía (2008), essa nova configuração gerou transformações na forma de disseminar informações e conhecimento, modificou aspectos das relações interpessoais e de trabalho, das trocas afetivas e da exposição dos sentimentos – sendo eles saudáveis ou desequilibrados. No entanto, desde seu nascimento até hoje, as mudanças possibilitadas ou ampliadas pela internet não são fenômenos finalizados, acabados. São processos ainda em desenvolvimento, dinâmicos, em constante movimento e construção. Ao longo da história da web, o virtual incorporou diversas características e fomentou muitas outras.

Para Dal Bello (2009, p. 20), esse ambiente convoca seus usuários à autoexposição, inclusive de maneira exagerada, convida à “celebração do tom ‘confessional’ como formas de legitimar a performance da própria existência”. Essa realidade foi (e está sendo) construída ao longo das décadas e faz parte da cibercultura – a cultura que deriva do uso das tecnologias informacionais, do uso da rede mundial de computadores, da comunicação virtual, do comércio eletrônico e da indústria do entretenimento. Essa realidade, portanto, perpassa as mais diversas (para não dizer todas) esferas da sociedade (LÉVY, 1999).

De acordo com Marcondes Filho (1994), a cibercultura é marcada pelo tecnocentrismo, época atual em que máquinas e aparelhos – não apenas os industriais, mas, em especial, as máquinas eletrônicas, de comunicação – substituem as pessoas e “preenchem uma série de funções que até então eram executadas pelos próprios homens” (MARCONDES FILHO, 1994, p. 29).

No mundo tecnocêntrico, o homem submete-se a esse controle generalizado das máquinas, comportando-se, ele próprio, também, como uma espécie de máquina, tendo um número, uma função, vendo seu trabalho tornar-se um



componente maquínico de todo sistema (MARCONDES FILHO, 1994, p. 29).

Tecnológico, veloz e informacional, esse novo mundo tem sido construído a partir da conexão mundial de computadores, que formou um aglomerado “de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores”, segundo o filósofo Pierre Lévy (1999, p. 17). Esse ambiente, chamado por ele de ciberespaço, tem a internet como sua parte orgânica, permitindo a seus usuários o estabelecimento de todo tipo de troca, das comerciais às afetivas, fazendo da “rede mundial de computadores [...] um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades: em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo” (SIBILIA, 2008, p. 27).

Entre essas formas de “ser e estar” estão todo tipo de manifestação e reação virtual, como comentários online e interações. No entanto, com essas manifestações, muitas delas agressivas, a violência virtual tem se mostrado cada vez mais frequente e tem sido o tom utilizado por muitas pessoas, comportamentos que, na verdade, têm permeado os recantos da CMC (Comunicação Mediada por Computador). Se tomarmos como simples parâmetro a seção de comentários em sites de notícias ou nas páginas de veículos jornalísticos no Facebook, por exemplo, fica fácil verificar a presença massiva de questionamentos e discursos de ódio trocados entre os internautas, críticas às opiniões alheias, gerando discórdias e discussões imensas entre usuários. Se nos espaços dos sites de relacionamento o internauta encontra chances de expressão e opinião, de se fazer ouvir (RECUERO, 2009), então nesse ambiente ele também pode revelar o mal que há em si mesmo.

O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 16).

Todavia, essa é característica cada vez mais usual dessa modernidade fluida, líquida (BAUMAN, 2007), em que as relações entre as pessoas se mostram mergulhadas no desapego e parecem “escorrer pelo vão dos dedos”. O sumo dessa



volatilidade e superinformação é o caos, mas também o desinteresse no outro. “Ligações frouxas e compromissos revogáveis são os preceitos que orientam tudo aquilo em que [as pessoas pós-modernas] se engajam e a que se apegam” (BAUMAN, 2007, p. 11).

“Com a vida cada vez mais online, a aceleração se tornou o ritmo da nossa existência” (FERREIRA, 2012, p. 9). Em outras palavras, a maneira como nos movimentamos no ciberespaço faz parte de uma lógica que nos sujeita a manter a aceleração para não perder espaço, mercado, dinheiro ou, simplesmente, status e popularidade. Entretanto, essa realidade gera respostas, consequências. Paralelo a esse conceito, Donskis afirma que “este é um mundo em que há muito deixou de controlar a si mesmo (embora busque obsessivamente controlar os indivíduos), que não pode responder a seus próprios dilemas nem reduzir as tensões que ele mesmo semeou” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 11). E ele vai além, sendo categórico e explícito ao detalhar esse ambiente:

Novas formas de censura coexistem - da maneira mais estranha - com a linguagem sádica e canibalesca encontrada na internet e que corre solta nas orgias verbais de ódio sem face, nas cloacas virtuais em que se defeca sobre os outros e nas demonstrações incomparáveis de insensibilidade humana (em especial nos comentários anônimos) (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 18).

Para esses autores, essa modernidade fluída e imensamente dinâmica faz com que a vida escorra em velocidade e volume crescentes, transformando “em banalidade não o bem puro e simples, mas o próprio mal” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 17). Assim, desapego e egocentrismo ganham cada vez mais espaço, interferindo até na definição de quem somos, conferindo alto grau de insensibilidade às interações, laços afetivos e trocas entre as pessoas (SIBILIA, 2008, p. 27). Voláteis, sem apego, carregadas de egocentrismo e teatralidade, as relações interpessoais no ambiente online são um “festival de vidas privadas”, formadas por confissões diárias em palavras e imagens abertas para o mundo nas redes sociais o que (SIBILIA, 2008, p. 27), mas ao mesmo tempo impessoal e distante.



Esses rituais tão contemporâneos são manifestações de um processo mais amplo, certa atmosfera sociocultural que os abrange, que os torna possíveis e lhes concede um sentido. Esse novo clima de época que hoje nos envolve parece impulsionar certas transformações que atingem, inclusive, a própria definição de você e eu (SIBILIA, 2008, p. 27).

Com tanta facilidade de “fazer” e “deletar” amigos nas redes, desenvolver habilidades sociais, qualidades como a tolerância e a busca por boa convivência, parecem ser aspirações desnecessárias. Por essa “frieza” relacional, esse paradoxal “distanciamento conectado” proporcionado pelo ciberespaço, Bauman (2016, online) define que as redes não ensinam a dialogar. O sociólogo é taxativo ao afirmar que esses recursos tecnológicos têm sido usados para que as pessoas se enclausurem em sua zona de conforto, “onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes” (BAUMAN, 2016, online). A liquidez da vida moderna, então, emprega velocidade nas interações, imediatismo nos laços afetivos, nas trocas entre as pessoas.

Sobre a violência simbólica que há nessa realidade, a psicóloga Pamela Rutledge, diretora do Media Psychology Research Center, nos Estados Unidos, se mostra tão pessimista quanto Bauman. Para ela, as pessoas falam sem pensar na internet (RUTLEDGE, 2015, online) e, ao falarem sem policiamento e “protegidos” pela tela, não há constrangimento ao expor opiniões. No contexto social offline, por outro lado, a própria proximidade física/presencial entre as pessoas funciona como barreira que naturalmente freia, não só os impulsos, como a língua. No entanto, livres do constrangimento da presença do outro na web, empoderados pela (ilusória) proteção da tela, um pseudoanonimato que os encoraja a manifestações extremas (RUTLEDGE, 2015, online).

Em Cegueira Moral, Bauman (2014, p. 21) constrói um paralelo entre a função de alerta da dor fisiológica, que se manifesta quando há algo em desordem no organismo, e a insensibilidade humana quanto a problemas sociais, que interferem em nossas relações interpessoais, problemas ignorados na medida em que se intensifica a liquidez da nossa vida moderna.



A não percepção dos primeiros sinais de que algo pode dar ou já está dando errado com nossa capacidade de conviver e com a viabilidade da comunidade humana, e que, se nada for feito, as coisas poderão piorar, significa que o perigo saiu de nossa vista e tem sido subestimado por tempo suficiente para desabilitar as interações humanas como fatores potenciais de auto-defesa comunal – tornando-as superficiais, frágeis e fissíparas (BAUMAN, 2014, p. 21 e 22).

Desta forma, verifica-se que a existência cada vez mais veloz e instantânea causou a diluição das experiências humanas (FONTENELLE, 2002). Essa constatação indica que a internet, então, possibilitou mudanças na sociedade que transcendem os limites da informática e dela mesma. Isso afeta nossa existência como quem é anestesiado. Essa sensação de anestesia impede a percepção da profundidade e da importância que das experiências humanas, do contato com o outro, da troca de vivências, e não apenas de “likes”.

Seguimos nosso rumo com tanta agilidade que acabamos sem tempo para ao menos tentar nadar contra a corrente, ou para simplesmente diminuir nosso ritmo o suficiente para nos atermos aos momentos e às pessoas que passam por nós (BAUMAN, 2007, p. 95).

Ao indivíduo dessa sociedade tecnocêntrica, acelerada, líquida e informacional, resta o desafio de não ser absorvido pelo desapego, desinteresse, insensibilidade e passividade.

Referências

ARGENTI, Paul A. *Sobrevivendo na selva da internet: como fazer uma combinação poderosa na web e proteger a reputação de sua empresa*. São Paulo: Editora Gente, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”*. El País, 8 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/LgqMRh>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

_____; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

DAMASCENO, Sergio. *As tendências de web, mobile e social em 2015*. Disponível em: <<http://goo.gl/vLPKyR>>. Acesso em: 01 jun. 2016.



DAL BELLO, Cíntia. *Cibercultura e subjetividade: uma investigação sobre a identidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu*, 2009. 130 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/CQmG1D>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

FERREIRA, Liana. Ritmo da vida humana: da TV ao Twitter. In: TOMAZ, Tales. (Org.) *A nova comunicação: fenômenos emergentes da cultura mediática*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012.

FONTENELLE, Isleide. *O nome da marca: McDonald's, fetichismo e cultura descartável*. São Paulo: Boitempo, 2002.

IBGE. *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2014* / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/q1PhEG>>. Acesso em: 31 maio 2016.

LAFLOUFA, Jacqueline. *Digital, Social e Mobile 2015: um compilado de dados e tendências digitais*. Disponível em: <<http://goo.gl/E2j6ZC>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo, a saga dos cães perdidos*. São Paulo, Hacker, 2000.

PRIMO, Alex. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p. Disponível em: <<http://goo.gl/y8SNzm>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

RUTLEDGE, Pamela. *'Impotentes e frustrados' são os mais agressivos na internet, diz psicóloga*. BBC Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150831%20_salasocial_agressividade_internet_rs>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.